

COPA DO MUNDO DE 1950: a criação de uma cultura da desculpa

Miguel Archanjo de Freitas Jr¹

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é demonstrar as estratégias discursivas utilizadas por alguns cronistas de um dos principais jornais esportivos brasileiro, para tentar justificar a derrota sofrida pelo selecionado nacional de futebol na final da Copa do Mundo de 1950. Este resultado adverso fez com que o desejo de vitória expresso antecipadamente por estes literatos não fosse concretizado e na busca de tentar diminuir a frustração nacional, inúmeras justificativas foram apresentadas, criando uma verdadeira “Cultura da Desculpa”.

Tal cultura auxiliou para que os cronistas tentassem influenciar os sentimentos dos torcedores, ora trabalhando com o medo, ora com a expectativa, com a confiança no futuro e em alguns momentos com o resgate de pontos positivos, mesmo diante de situações adversas, como na derrota em pleno Maracanã, diante dos olhos de 200 mil pessoas.

Esta derrota aconteceu em um momento no qual o governo brasileiro aproveitava a possibilidade de obtenção de recursos financeiros que eram canalizados para o país, em decorrência de um projeto de expansão do capital internacional pós II Guerra Mundial. Naquele momento o Brasil via a possibilidade de colocar em prática o seu projeto desenvolvimentista, que tinha na industrialização a principal estratégia para superar o subdesenvolvimento.²

Tal situação criava um clima de otimismo no país, tendo as suas expectativas voltadas para o futuro. Um futuro que era descrito pelos cronistas esportivos como sendo um momento promissor, onde a vitória na Copa do Mundo de 1950 apresentava a possibilidade de mostrar para o restante do mundo a potencialidade brasileira. Entretanto, como isto não foi possível, os cronistas utilizaram outras estratégias para tentar manter a esperança do povo brasileiro, dentre as quais destaca-se a “Cultura da Desculpa”.

É interessante perceber que isto já havia acontecido anteriormente. Por exemplo, quando o Brasil perdeu as Copas do Mundo de 1930, 1934 e 1938. Fatos que foram expressos

¹ Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade- UFPR/UEPG. Bolsista Capes

² Entre os grupos intelectuais que centraram a sua análise na necessidade de industrializar o país como uma das formas mais eficazes para superar o subdesenvolvimento destacam-se o Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB) e a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL). Cf. BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Do ISEB e da CEPAL à Teoria da Dependência. In: TOLEDO, Caio Navarro de. **Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Renavan, 2005. p. 201-232.

anos mais tarde pelos irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues, os quais indicaram os possíveis motivos para tais derrotas. Segundo Mario Filho:

O Brasil disputou os cinco campeonatos do mundo realizados até hoje e perdeu todos, cada qual por um motivo diferente. Em 30 não mandamos para Montevidéu um verdadeiro scratch brasileiro. Os paulistas recusaram-se a dar jogadores. [...] Assim não admira que em 30 tivéssemos culpado os paulistas que em 34 lançássemos a culpa na cisão. Realmente a cisão impedira que se formasse um scratch brasileiro. Em 37, porém em plena cisão, o Brasil quase conquistou um campeonato Sul-Americano em Buenos Aires. Lá fora nunca estivemos tão perto de trazer a Copa Americana. [...] Foi o que nos deu quase a certeza de levantar o campeonato do mundo de 38, na França. Então pudemos organizar um scratch brasileiro e na base dos melhores. Apesar disso perdemos. Encontramos a explicação da derrota na expulsão de Zezé Procópio, na contusão de Leônidas e no pontapé de Domingos em Piola. A contusão de Leônidas nos convenceu mais, como obra de fatalidade inevitável.³

Mario Filho busca justificar as causas das derrotas brasileiras a partir de acontecimentos pontuais, quando indica como possíveis culpados os paulistas, a CBD e o destino, pois, no caso da contusão de Leônidas da Silva, o próprio autor enfatiza que a justificativa que mais convenceu o torcedor foi a ausência de Leônidas. Todos esses personagens passaram a fazer parte dos enredos criados pelo cronista, a fim de justificar derrotas e/ou problemas futuros acontecidos com o selecionado nacional. De maneira semelhante, o seu irmão Nelson Rodrigues, anos mais tarde, publicou uma crônica em que reforçava a apresentação de Mario Filho. A diferença consistia na estética da crônica, pois Nelson Rodrigues sempre buscou utilizar os sentimentos em seus escritos, embora siga os preceitos do seu irmão:

O primeiro campeonato mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações. Lá fomos nós para Montevidéu. Eis a casta, a singela verdade: já trazíamos a derrota encravada na alma. Ainda por cima, o Brasil não levou todo o seu poderio. Os paulistas não foram e o que se viu, na primeira Copa, foi o nosso futebol mutilado ou, para ser mais exato, pela metade. [...]

O segundo campeonato foi o de 1934. O ano da grande cisão entre a Confederação Brasileira de Desportos e Federação Brasileira de Futebol. [...] Mais quatro anos e eis que o Brasil, pela primeira vez, teve uma chance real de vitória. E justiça seja feita: o escrete brasileiro amadureceu e, não só isso, também a torcida. Já se insinuava uma dúvida na nossa humildade. Muita gente começava a desconfiar que talvez o futebol brasileiro fosse o melhor do mundo. E, de fato, fizemos duas seleções de altíssima categoria. Quem não se lembra de um Leônidas, de um Tim, de um Romeu?

Outro era Leônidas, chamado O Diamante Negro. Um jogador rigorosamente brasileiro, brasileiro da cabeça aos sapatos. Tinha a fantasia, a improvisação, a molecagem, a sensualidade do nosso craque típico. Bem me lembro do dia em que Leônidas fez, pela primeira vez no mundo, um gol de bicicleta. [...]E veio o jogo

³ RODRIGUES FILHO, Mario. A única experiência que não foi feita. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro. 7 mai.1958, p.5.

com a Itália. Se a vencêssemos, era o título, era a taça. Eu me lembro do dia da batalha. Um turista que passasse pelo Rio haveria de anotar em seu caderninho: Esta cidade enlouqueceu. Pela manhã, um brasileiro esfaqueou e matou um italiano. A torcida começava com sangue. O Brasil entrou com um desfalque trágico. E, com efeito, Leônidas contundido não jogou. Pode-se dizer, hoje, que a sua ausência foi fatal.⁴

A crônica é emblemática, pois mostra que o autor seguia o discurso do seu irmão, o contraste fundamental se dá pela sua capacidade de escrever despreocupado com os limites entre a ficção e a realidade. Para o escritor em foco, o mais importante era seduzir o seu leitor e, para tal, acabava por misturar situações do cotidiano com as suas projeções ideológicas. Outra diferença é que Mario Filho era mais envolvido com a vida política e administrativa do futebol, enquanto Nelson Rodrigues se voltava para as suas peças teatrais, escrevendo sobre o futebol de maneira mais livre, sem amarras ou compromissos.

Entretanto, ambos atribuem as derrotas brasileiras a elementos generalizantes, isto é, ao mesmo tempo em que existe um culpado, ninguém pode ser acusado, pois os paulistas, a CBD e o destino dividem a culpa, assim, ninguém se sente responsável pela derrota.

A DERROTA DE 1950

Se havia uma convergência nas principais causas que levaram a esses fracassos, a partir da Copa do Mundo de 1950 a situação se modifica, pois ambos os autores apresentam inúmeros fatores que teriam levado o Brasil a perder a final da Copa do Mundo. A derrota foi tão significativa aos cronistas que, até o final das suas vidas, eles retornavam para esse episódio, como sendo uma referência às atitudes a serem tomadas ou comportamentos que deveriam ser evitados pelos brasileiros:

A LIÇÃO de 50 serve para qualquer campeonato do mundo. Não basta ser o melhor team ou ter o melhor football para ser campeão do mundo. O Brasil tinha tudo para ser campeão do mundo e foi derrotado. Ou tinha tudo aparentemente já que lhe faltou o que sobrou ao Uruguai no match da decisão. Não a garra, ou o coração, ou gana, como se disse em 50. O que nos faltou foi humildade, foi respeito ao adversário, foi a admissão de uma hipótese que é uma das alternativas de qualquer match, a da derrota. Enquanto o Uruguai temia uma goleada não nos satisfazíamos senão com um outro Brasil e Espanha.⁵

Aqui o autor chama a atenção para o que aconteceu naquela partida final, utilizando como referência a humildade – sentimento presente na grande maioria de suas crônicas. Sendo assim, o grande problema do brasileiro estaria no controle desse sentimento, pois, em

⁴ RODRIGUES, Nelson Falcão. O drama das sete copas. **Revista Realidade**, Rio de Janeiro, Junho de 1966.

⁵ RODRIGUES, Nelson Falcão. O perigo da vitória e o perigo da derrota. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro 31 de maio de 1958. p.5.

alguns momentos, aquele era humilde demais, principalmente quando diante de um europeu. Entretanto, no episódio em pauta, o Brasil tinha como adversário um vizinho Sul-Americano, o que já seria motivo para deixar a humildade de lado, pois, segundo Nelson Rodrigues, os brasileiros só respeitavam a Europa. Somado a isso, havia a questão do retrospecto dos últimos resultados do selecionado nacional, o clima criado pela torcida e pelos cronistas, fatores que estimularam os atletas a abandonar a humildade e, para o autor, esse posicionamento extremista teria levado a um novo e doloroso fracasso.

A vitória de 1950 deveria representar a afirmação de um país que estava buscando se afirmar entre as nações desenvolvidas. Talvez por isso, perder o título depois de estar tão próximo, tenha sido tão doloroso. É o que relembra Mario Filho em uma das suas crônicas escritas oito anos mais tarde:

Cinquenta ficou como um marco. De fato nunca estivemos mais perto de conquistar um Campeonato do Mundo. É o que não perdoamos [...] Não entediamos como depois das “Touradas de Madri” pudera acontecer o 16 de julho. [...] A seleção de 50 encerrava uma época. Era uma espécie de canto do cisne de uma geração que desaparecia.⁶

Tal foi a significância desse acontecimento, que cada um dos fatores que pudesse ter interferido no desempenho do selecionado serviu de justificativa ou especulação para encontrar as causas que teriam levado àquela derrota. Na tentativa de compreender a forma com que tais acontecimentos foram descritos, buscou-se subsídio nas entrevistas realizadas por Geneton Moraes Neto, publicadas em um livro que o próprio autor apresenta como:

... a história secreta da tragédia do Maracanã, nasceu de 14 horas de gravação com os 11 jogadores que entraram em campo no Maracanã naquela tarde que David Nasser batizou de “estúpida”. Não é nem sequer uma tese sobre o naufrágio brasileiro. É uma reportagem que pretende deixar registrada, para a crônica do futebol brasileiro, a voz dos 11 anti-heróis de 16 de julho de 1950: o retrato falado de uma dor brasileira.⁷

Acompanhando os depoimentos dos 11 jogadores que estiveram presentes naquela partida é possível perceber que, em inúmeras situações, não há unanimidade, dando a impressão de que os jogadores haviam vivenciado acontecimentos distintos.⁸ Partindo-se das

⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. Touradas de Madri: um marco para o futebol brasileiro. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1958. p.76-78.

⁷ MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva. 2000. p.41

⁸ Ibid. p.42.

crônicas esportivas e desses depoimentos, emergiram as seguintes “desculpas” para justificar a derrota de 1950:

a) A CONCENTRAÇÃO BRASILEIRA

A seleção brasileira concentrou-se, inicialmente (a partir do dia 31 de maio de 1950), em um local isolado, chamado Casa dos Arcos, no Joá. Após o jogo contra a Suécia, no dia 10 de Julho de 1950, Flávio Costa decidiu transferir a concentração para o Estádio de São Januário, pertencente ao Vasco da Gama, equipe da qual ele era técnico na época. Para Nilton Santos, atleta convocado para aquela Copa, essa não foi uma atitude bem recebida pelos jogadores:

Antes de tudo fui contra o que tinha sido feito na semana da decisão: nós estávamos concentrados na Barra da Tijuca, no silêncio. Porque trouxeram a gente nas vésperas do jogo, para o alojamento do Vasco da Gama? Flávio Costa já era candidato a vereador. Degringolou tudo!⁹

As lembranças do atleta apontam que as causas políticas teriam sido responsáveis pela mudança de local da concentração, o que indica a utilização do esporte para fins eleitoreiros. Entretanto, é importante destacar que uma das características da autobiografia desse personagem é a utilização de um discurso marcado pela presença de sentimentos negativos, provavelmente decorrentes da frustração pelo resultado adverso e, principalmente, pelo recalque em ter ficado na reserva. Devido ao fato de o treinador brasileiro ter tomado essa decisão, Nilton Santos jamais o perdoaria, o que fica explícito na sua entrevista a Moraes Neto e, também, na sua autobiografia:

Não quero citar nomes. Digo que não foi o Uruguai que ganhou. Nós que perdemos. Durante o jogo saí do campo porque tive um mal pressentimento. Poderia até ter jogado porque estava bem. Zizinho queria que eu jogasse. Fui injustiçado porque Flávio Costa – o dono do futebol na época – implicou com a minha chuteira.¹⁰

Nilton Santos, posteriormente, foi considerado pelos cronistas esportivos como a enciclopédia do futebol, devido à sua longevidade no esporte e, em especial, pelas suas lembranças dos acontecimentos. Mas, neste caso, realiza um discurso romântico, buscando sustentação na opinião de um colega de clube, considerado um dos principais jogadores do futebol brasileiro daquele momento, e encontrando um motivo fútil como pretexto para a sua

⁹ SANTOS, Nilton. Um pressentimento assusta o craque: aquilo ia terminar mal. In: Geneton Moraes Neto. Op cit. p. 35.

¹⁰ Ibidem.

ausência na equipe. Em sua autobiografia o atleta relata que ficou na reserva porque era um jogador clássico que não sabia chutar de bico. Sobre a derrota Nilton relata que:

[...] há males que vem pra bem, o Brasil perdeu a Copa de 1950 e com a derrota, caiu junto um mito de uma etapa do futebol brasileiro: Flávio Costa. Eu costumo dizer que fiquei mais triste de o Brasil ter perdido pelos jogadores, principalmente Zizinho, Danilo, Ademir e outros que mereciam ser campeões do Mundo. Mas, se o Brasil ganhasse em 1950, talvez nunca mais tivéssemos outro campeonato porque o equívoco seria mantido.¹¹

As palavras expressas pelo jogador demonstram suas relações com os demais atletas, inclusive com aquele que o apoiava para que fosse titular da equipe brasileira, revelando que, assim como para os cronistas, a relação pessoal entre os jogadores era tão importante quanto a qualidade do atleta. Tais fatos são relevantes para que se possa compreender os posicionamentos desse atleta sobre os fatores que influenciaram na derrota do selecionado brasileiro. Não se trata de buscar isentar pessoas ou procurar culpados, mas sim de compreender o que está por trás dos discursos dos agentes do campo esportivo.

Mario Filho, ao abordar a questão da concentração brasileira, também mostrou a aproximação entre o futebol e a política:

No sábado, 15 de julho, à tardinha, os jogadores do escrete brasileiro estavam despreocupados e alegres, relaxados, vendo na quadra da curva de São Januário um treino de vôlei de moças. Foi quando veio a ordem: todos ao salão nobre. É que tinha chegado tudo quanto era candidato a vereador, a deputado, a senador, para cumprimentar os jogadores que no dia seguinte iam ser campeões do mundo [...].¹²

O cronista retrata um clima de liberdade, autoconfiança, festa, falta de preocupação com o jogo final que aconteceria no dia seguinte e, principalmente, falta de consciência dos dirigentes do selecionado brasileiro, os quais, supostamente, estariam mais preocupados com a sua popularidade junto aos políticos do que com a função exercida naquele momento. Esse clima de (des)concentração, criado em torno dos atletas brasileiros, havia transformado um lugar destinado ao sossego, ao descanso e à preparação para a partida, em um ambiente festivo, onde os políticos buscavam aliar sua imagem a dos futuros campeões do mundo, o que poderia ser bastante proveitoso para as próximas eleições, que aconteceriam em três meses. A biografia de Paulo Machado de Carvalho retrata o ambiente encontrado pelo futuro supervisor da seleção brasileira:

¹¹ SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Griphus, 2000. p.68.

¹² RODRIGUES FILHO, Mário. *Op cit.* p. 283.

Com trânsito livre nos bastidores, Paulo Machado levou Tuta à concentração do Brasil para que sentisse de perto, como era o clima antes de uma grande decisão. Logo que colocaram os pés em São Januário, pai e filho não acreditavam no que viram. Ao som de marchinhas de carnaval, a concentração havia virado um palanque eleitoral. Adhemar de Barros e Cristiano Machado, ambos candidatos à corrida presidencial (vencida por Getúlio Vargas), fizeram discursos inflamados, enquanto os atletas bocejavam de sono.¹³

Mesmo apresentando diferenças em seus discursos, o que se verifica até aqui é que o ambiente de concentração da seleção brasileira se tornou um local de visitação dos políticos da época, algo expresso, também, pelos jogadores como um fator negativo, prejudicando-os por vários motivos. O goleiro Barbosa, relata que “tentei fazer uma refeição na concentração do Brasil, no dia da finalíssima contra o Uruguai, mas mal pode comer, porque a todo momento era interrompido por cartolas, políticos e penetras de todo o tipo que queriam saudar os campeões do mundo”.¹⁴ Segundo Juvenal, houve vários acontecimentos na concentração que acabaram prejudicando a preparação dos atletas:

Quando chegou o dia da decisão contra o Uruguai, acordei as cinco da manhã com uma alvorada. Parecia quartel. Havia um pelotão em frente a concentração. Depois da alvorada, teve missa. Em seguida, a população começou a entrar. Era um tal de dar autógrafa, tirar fotografia, assinar bola, aquela guerra de nervos. Depois, apareceram os políticos. Era gente de Cristiano Machado, Getúlio Vargas, Ademar de Barros. A gente tinha que tirar fotografia. Aquilo não me cansou fisicamente, mas me cansou mentalmente. Naquele tempo, não existiam, na concentração, as diversões que existem hoje, como videocassete e televisão. Os jogadores gostavam de jogar baralho, a única maneira de passar o tempo dentro da concentração, depois dos treinamentos.¹⁵

A superstição é muito forte tanto na cultura quanto no futebol brasileiro. Atletas e dirigentes, muitas vezes, recorrem a diferentes seres místicos em momentos de suposta dificuldade, como um ritual que lhes fornece a força e a confiança necessárias para superar o problema a ser enfrentado. Isso pode ser percebido por atletas que, obrigatoriamente, só entram em campo com o pé direito ou treinadores que, em jogos decisivos, utilizam a mesma camisa, e por aí vai. Como salienta Valente: “[...] após rezar, fazer o nome do pai, ou assistir uma missa esses indivíduos sentem-se melhores preparados para realizar a sua tarefa”.¹⁶

¹³ CARVALHO, Paulo Machado. Apud. CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. *Op cit.* p. 143-144.

¹⁴ BARBOSA. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 19 de julho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. *Op cit.* p.46.

¹⁵ JUVENAL. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 25 de julho de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. *Op cit.* p. 68.

¹⁶ Sobre a influência da religião no jogo de futebol, cf. VALENTE, Janyme. Sincretismo religioso e futebol. In: LOVISSARO, Martha & NEVES, Licy Consuelo (org.). **Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: UERJ. 2005. p. 35-42. Ainda sobre a importância do misticismo no futebol, vale a pena consultar o estudo clássico de ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Perspectiva, 1993.p. 49-71.

Contudo, o atleta indica que o problema foi o horário escolhido para realizar o ritual. Algo destacado, também, por Bauer ao mostrar que:

A gente saiu da cama bem cedo porque ia ser rezada uma missa para os futuros campeões do mundo. Eu sou católico, mas aquela missa não caiu em um bom momento. A sexta, o sábado e o domingo foram um inferno. Houve uma visitação pública. Tinha gente na concentração na hora do almoço e do café [...] isso não existe. A nossa cabeça não estava dentro do jogo nem coordenada com a partida. Nós fomos totalmente envolvidos. O próprio brasileiro derrotou o brasileiro.¹⁷

Para o atleta, todos os jogadores, inclusive ele, foram envolvidos pela euforia geral ocorrida, principalmente, durante os três dias depois da vitória contra a Espanha, antes do jogo final contra o Uruguai. Nesse momento, os torcedores já consideravam o Brasil campeão e os jogadores aceitaram a ideia. Para Friaça, essas atitudes culminaram com a derrota no jogo final devido à falta de maturidade do futebol brasileiro, em especial, fora de campo:

Como era ano de eleição, teve jogador que foi levado para passear. A seleção, então não teve sossego, tranqüilidade. É por essas razões que eu digo que a Seleção estava engatinhando, em 1950, porque não tinha uma vivência. Um exemplo: passamos 45 dias em Araxá, sem comunicação nenhuma com as nossas famílias.[...] Acontecia o seguinte: nossas famílias não recebiam as cartas que a gente escrevia.¹⁸

Esse jogador indica a saudade de casa como um dos fatores que influenciaram na preparação do selecionado. Pois, durante o tempo em que os atletas estiveram concentrados, proibiu-se qualquer tipo de contato com a família, para evitar que os problemas particulares pudessem afetar a preparação dos jogadores. Entretanto, na véspera da partida final, a concentração foi aberta para que os políticos pudessem ter contato com os jogadores. É o que demonstra Zizinho:

Cansei de assinar autógrafos, como campeão do mundo, antes do jogo. A verdade é que não houve concentração para o jogo contra o Uruguai. Não houve! Depois, o general Mendes de Moraes, prefeito da cidade, jogou essa história em cima da gente: Dei o estádio a vocês. Agora quero de vocês o campeonato. [...] Aquilo tudo é responsabilidade em cima do time. A gente saiu do almoço para ouvir discursos de políticos na sala de troféus do Vasco, no dia do jogo.¹⁹

Zizinho, um dos principais jogadores da equipe brasileira, ainda acrescenta:

¹⁷ BAUER. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 15 de julho de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 76.

¹⁸ FRIAÇA. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 13 de setembro de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 104-105.

¹⁹ ZIZINHO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 25 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.110.

Não gostam quando eu digo mas houve falhas táticas fora do campo! O jogo tinha pouca importância nos dias que antecederam a partida! A concentração da Seleção Brasileira, em São Januário, virou cenário da política nacional. Ouvimos no dia da decisão da Copa, discurso do seu Cristiano Machado, candidato a presidente da república. Ouvimos o seu Ademar de Barros, igualmente candidato. Eram os dois com suas comitivas. Quer dizer: houve uma desconcentração!²⁰

Talvez, até aquele momento, os jogadores brasileiros ainda não tivessem se dado conta da responsabilidade depositada sobre eles. De acordo com os cronistas do *Jornal dos Sports*, os atletas representavam todas as esperanças de uma nação, não somente daqueles que estavam presentes no estádio, mas também, dos que lutaram durante anos para que houvesse um reconhecimento do Brasil no exterior e isso estaria a pouco tempo de acontecer.

A importância desses jogadores, no imaginário popular, é retratada por Ademir, quando o jogador cita uma passagem na qual um homem entra assustado na concentração da seleção, procurando por ele. Após conversar com Flávio Costa e explicar os motivos que o levavam até ali, o homem lhe falou que estava com o filho de 14 anos na mesa de operação e que menino havia feito um pedido antes da cirurgia: “Quero ver Ademir. [...] Quando cheguei ao hospital, vi que era um garoto meu admirador, que gostava de futebol de botão. O menino veio, me beijou e disse: Doutor pode operar”.²¹ Isso é relatado de forma romântica e apaixonada, mas fornece indícios sobre o papel e a importância que pessoas comuns passam a ter na vida de outros indivíduos, quando aqueles se tornam ídolos esportivos e/ou heróis nacionais.

Os discursos apresentados caminham na mesma direção quanto ao excesso de pessoas que estiveram presentes na concentração do selecionado nacional na véspera do jogo decisivo. O *Jornal dos Sports* noticiou, em suas edições que precederam os jogos anteriores do selecionado, que pessoas como Mario Pollo, diretor interino da CBD, João Lyra Filho, secretário da CBD, o prefeito Mendes de Moraes, sempre estiveram presentes, levando apoio aos jogadores. Entretanto, o número de pessoas, parece ter aumentado consideravelmente às vésperas do jogo mais importante da equipe. Tal fato foi aceito pelos próprios atletas como um dos acontecimentos mais prejudiciais durante os dias que antecederam a grande final.

b) O TAPA EM BIGODE: simbolismo ou realidade?

Em entrevista realizada por Mario Filho, a fim de discutir a Copa do Mundo de 1958, Zezé Moreira, Sandro Moreira, João Saldanha e Ademir Menezes conversaram sobre os

²⁰ *Ibid.* p.111.

²¹ ADEMIR. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 13 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 122.

vários problemas que, normalmente, envolviam o selecionado brasileiro. Em um determinado momento da entrevista, Mario Filho pergunta a Zezé Moreira, um dos torcedores presentes no Maracanã no dia 16 de julho de 1950, se ele tinha visto o tapa que Bigode teria recebido de Obdúlio Varela.

O ex-técnico da seleção brasileira da Copa de 1954, responde: “Isto são lendas que se criam e ganham raízes. A necessidade da justificativa para a derrota ganha versões”.²² Há indícios de que essa versão teria surgido com os irmãos Rodrigues, ao buscar trabalhar questões que possibilitassem refletir acerca da derrota e, também, da sociedade brasileira:

Em 1950 esperava-se que houvesse um bofetão, que o pau comesse solto em campo. E como o jogador brasileiro, que também tem sangue quente, pudesse revidar, proibiram-no de qualquer reação. O que acabou com Bigode foi isso. Normalmente ele reagiria. Mas a proibição fora peremptória. E proibiram-no de revidar, para que o Brasil fosse campeão do mundo. Só por isso. Se ele revidasse e o Brasil perdesse, a culpa cairia, impiedosamente, em cima dele. A única coisa que se queria evitar era que um jogador brasileiro fosse qual fosse, saísse de campo, expulso, e nos deixasse em inferioridade numérica.²³

A passagem remete a uma possível tentativa de controle da violência do homem brasileiro. Algo fortemente vinculado à imagem que o europeu tinha desse povo considerado bárbaro. A atitude refinada do jogador brasileiro que representa a preocupação com a civilidade desse indivíduo, ao mesmo tempo remete para a inquietação com as regras específicas do jogo, em que a ação agressiva de um jogador poderia prejudicar a equipe, que ficaria com um atleta a menos. Encontram-se, aqui, dois níveis interdependentes de preocupações que devem ser vistos como elementos complementares de um mesmo processo, em que está presente a regra do campo esportivo (não revidar, não fazer uso da violência para evitar ser expulso) e a regra do controle da violência como norma social (como exemplo de disciplina civilizada). Naquele contexto, ambas eram importantes. A primeira, para que o selecionado não ficasse em desvantagem e, dessa maneira, obtivesse a vitória; e a segunda para que não fosse criada uma imagem distorcida do homem brasileiro.

Normalmente, os posicionamentos apresentados por Mario Filho eram reforçados em uma linguagem dramatizada por Nelson Rodrigues, que relata esse episódio da seguinte forma:

A derrota do Brasil em 50 começou no bofetão de Obdulio Varela em Bigode, duzentos mil brasileiros assistindo. A ordem era não revidar: Bigode ficou firme.

²² RODRIGUES FILHO, Mario. Dirigentes, técnicos e cracks abrem os debates sobre a Copa do Mundo. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1957. p. 10.

²³ *Ibid.* 7 jun. 1958.

Esperava a expulsão de Obdulio Varela. Mr. Reader não expulsou Obdúlio Varela: tinha sido avisado de que os uruguaios podiam querer estragar a festa da conquista brasileira do campeonato do mundo. Se um uruguaio fosse expulso a Celeste abandonaria o campo. Era preciso garantir o happy-ende da maior Copa do Mundo que já houvera. Só que saiu tudo ao contrário: Bigode ficou com o bofetão e o Brasil perdeu o campeonato do Mundo. Aquele bofetão ficou ardendo no rosto da gente. Em 52 fomos para a forra que não era forra. Era um Pan-Americano e não um campeonato do mundo.²⁴

Para Nelson Rodrigues, o problema da derrota foi decorrente da proibição feita ao jogador brasileiro de revidar qualquer tipo de provocação ou atitude agressiva. O autor não aceita qualquer tipo de imposição que coloque o brasileiro em situação de desvantagem quando confrontado com outra nação. De acordo com a visão passional desse nacionalista, tal atitude colocou o atleta brasileiro em uma situação de acovardamento e submissão frente a um adversário estrangeiro, o que seria motivo de vergonha, pois o brasileiro deve defender o seu país de todas as formas possíveis e, se atacado, deve responder na mesma intensidade, para demonstrar que não é inferior a ninguém.

Mario Filho apresenta uma visão diferenciada do seu irmão, indicando que a atitude dos dirigentes brasileiros caminha no sentido do que Elias identificou como “Processos Civilizatórios”, por meio dos quais, os homens passaram a controlar os seus impulsos, diminuindo o nível de violência das suas atitudes a partir de imposições externas que, com decorrer dos tempos, acabam sendo incorporadas.²⁵ Para alguns dos atletas brasileiros, houve a solicitação do treinador para que os jogadores mantivessem a disciplina dentro de campo:

O único pedido especial que o nosso técnico fez foi que a gente não revidasse uma entrada, uma agressão. Depois disseram que ele tinha pedido para a gente não jogar duro. Ora, técnico nenhum vai fazer um pedido desses a um jogador. Flávio Costa falou em tese para toda a equipe, não para um jogador em particular. A orientação que o técnico nos deu não teve influência sobre os jogadores, em absoluto.²⁶

Tais palavras carregam um sentido especial, porque foram proferidas pelo atleta que, supostamente, teria recebido uma ordem do técnico, para não ser agressivo com os adversários, pois, se assim o fosse, poderia ser o culpado em caso de um resultado negativo. Contudo, de acordo com esse jogador, a preleção do treinador se preocupou com o comportamento dos atletas de maneira geral. O jogador demonstra, que a invenção desse acontecimento foi uma das maiores frustrações que ele viveu em sua carreira esportiva:

²⁴ Ibid. 14.01.1956.

²⁵ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

²⁶ BIGODE. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 14 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.94.

Não houve agressão nenhuma de Obdúlio Varela. A injustiça maior foi essa, contra mim. Eu sinto até hoje. É uma covardia o que fizeram. Uns dizem que Obdúlio Varela cuspiu. Outros que foi um tapa e que não reagi. É uma calúnia. Não houve reação porque não houve agressão. Obdúlio Varela, deu um tapinha em mim pelas costas, para pedir calma. Eu tinha dado uma pancada em Julio Perez, um jogador que tinha uma habilidade desgraçada.[...] nesse momento, quando dei a entrada, Obdúlio Varela veio me dizer: Muchacho, calma! Fiquei olhando para o juiz, com medo da expulsão. Se o Brasil perder com a minha expulsão [...].²⁷

Bigode ainda acrescenta: “Quando eu lia os jornais, achava horrível. Mas quem era eu para brigar com a imprensa?”.²⁸ As palavras desse atleta revelam uma situação na qual algumas pessoas da imprensa, na tentativa de justificar a derrota brasileira, criaram mitos, sem pensar na dimensão do alcance de suas narrativas, que extrapolavam as páginas dos jornais e adentravam no imaginário social brasileiro, fazendo com que jogadores, como Bigode, fossem constantemente hostilizados, tornando-se símbolo de covardia e submissão do brasileiro. Bigode relata, ainda, que não tinha poder para tentar desmistificar a imprensa, pois o seu capital era específico. Dessa forma, ele apenas conseguia se fazer respeitado dentro do campo de futebol, fora dele, não havia maneira de disputar com a família Rodrigues, formadora de opinião e da realidade.

Nelson Rodrigues, posteriormente, relata que o problema da falta de resultados positivos não estava na qualidade do futebol brasileiro, o que, para ele, era óbvio, pois na sua ótica o Brasil sempre teve a melhor seleção de futebol do mundo. Segundo esse cronista, o grande problema estava no comportamento submisso do brasileiro, na falta de confiança em si mesmo – isso nos mais diversos setores sociais. Tal fato gera o que ele posteriormente viria a chamar de “complexo de vira-latas”, que se referia:

[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender.²⁹

O sentido metafórico atribuído à forma com que o brasileiro se coloca frente ao estrangeiro, repõe em cena a questão da covardia veementemente negada pelos atletas brasileiros. Nelson Rodrigues utiliza a metáfora de um cachorro sem nenhum *pedigree*, que

²⁷ Ibid. p.92.

²⁸ Ibid. p.94.

²⁹ RODRIGUES, Nelson. Complexo de Vira-latas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, p.13, 31 mai. 1958.

normalmente sobrevive das sobras dos outros, para expressar o comportamento do homem brasileiro. Pois, assim como acontece com um cachorro vira-latas, os brasileiros eram tratados a pontapés. Ninguém os respeitava. Essa questão da covardia do jogador brasileiro foi expressa na fala de alguns atletas que estiveram presentes naquele jogo, mostrando que há uma preocupação com a forma com que o brasileiro é visto:

Disseram que o Obdúlio Varela deu um tapa em Bigode. Não é verdade. Bigode não seria tão covarde a ponto de levar um tapa e ficar quieto. Nós todos, que éramos amigos de Bigode, não iríamos aceitar algo assim passivamente. Aproveitaram a derrota para dizer que o Obdúlio deu um tapa, mas o tapa não aconteceu. Absolutamente!³⁰

A única entrevista que destoa das demais foi realizada pelo atacante Chico, pois o atleta diz ter visto Flávio Costa pedir para Bigode controlar o seu nível de violência: “Nosso treinador disse para Bigode que exigia disciplina. Se houvesse derrota com indisciplina, o indisciplinado seria o responsável. Se houvesse derrota com disciplina, ele, o treinador, seria culpado. Bigode então modificou o seu estilo de jogo”.³¹

Da mesma maneira, esse foi o único jogador a afirmar ter visto Bigode levar um tapa de Obdúlio Varela: “Porque ele diz que não levou eu não sei. Mas levou, eu vi”.³² Contraditoriamente, o jogador Bauer lembra que houve uma falta violenta de Bigode, ficando esse atleta com medo de ser expulso, tendo em vista que ele já havia sido advertido anteriormente:

Bigode deu duas entradas duras, a segunda foi violenta. O juiz inglês foi para cima de Bigode, mas não o amedrontou não. Houve uma aglomeração. Dizem que nessa hora, ele levou um tapa. É mentira! [...] se Obdúlio Varela desse um tapa na cara de Bigode, no Maracanã, no primeiro tempo, o jogo não terminaria!³³

A partir das diferentes versões atribuídas ao mesmo acontecimento, é possível perceber que não há unanimidade a respeito do que supostamente aconteceu, mas as representações desses atores fornecem indícios acerca das preocupações que estavam presentes entre os dirigentes do selecionado, em relação à forma com que os jogadores receberam as instruções durante a preleção e, também, sobre a forma com que a mídia retratou os acontecimentos do jogo.

³⁰ AUGUSTO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 23 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 58.

³¹ AMBARU, Francisco (Chico). Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 1 de outubro de 1997. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 141.

³² Ibid. p. 145.

³³ BAUER. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 1 de outubro de 1997. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 77.

Para os atletas, alguns literatos não se preocuparam com o fato de retratarem, em suas crônicas, acontecimentos que envolviam a vida de seres humanos e que estes seres humanos fizeram o possível para representar o seu país, para torná-lo vitorioso, o que não foi possível pelas especificidades do futebol. Devido à criação de mitos e da necessidade de se encontrar culpados para justificar as derrotas, jogadores como Bigode tiveram que conviver com o estigma de ser covarde. Para Mario Filho, as acusações feitas aos jogadores transcendem o campo de jogo e refletem o contexto social:

Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. O futebol não seria paixão do povo se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa. Quem torce em futebol está ligado, irremediavelmente, ao seu time, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para a desgraça. No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. A derrota do Jogador é a derrota do torcedor. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou.³⁴

Para o autor, o futebol brasileiro passou a ser o Brasil, ou seja, a partir do esporte o país tornou-se algo concreto, que era expresso pelos jogadores que representavam todos os sonhos e virtudes do homem brasileiro. Segundo o literato, a derrota transcende o campo de jogo e caminha para a vida social, em que o impacto do resultado negativo foi muito maior do que para o esporte em si.

Se o futebol for pensado somente com base em uma visão funcional ou profissional, o máximo que os atletas deixaram de ganhar foram alguns prêmios que haviam sido prometidos antes da derrota, como indica Bigode:

O refrigerante Guará fez um concurso: ganhava o título o jogador que fosse escolhido pela torcida através das chapinhas. Eu que estava no Flamengo, tinha prestígio no Fluminense também. Então, superei Zizinho e Ademir, os cobrões. Mas não levei o prêmio, um apartamento. O caso foi para a Justiça, mas tive outro prejuízo: o advogado me tomou dinheiro. Os advogados disseram que a promoção tinha dado prejuízo, porque, como o Brasil perdeu a Copa, o povo perdeu o entusiasmo pelo refresco. Inventaram até que a firma faliu.³⁵

Esse concurso, realizado em parceria com o *Jornal dos Sports*, foi amplamente divulgado durante toda a Copa do Mundo, indicando ser o maior concurso esportivo já realizado no Brasil.³⁶ É interessante que os jogadores responsabilizados pela derrota do

³⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. Seleção Brasileira. **Jornal do Sports**. Rio de Janeiro, p. 6, 8 jun. 1964.

³⁵ BIGODE. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.95.

³⁶ Os torcedores deveriam indicar o melhor jogador por posição e iriam concorrer a 2 milhões de cruzeiros em prêmios (02 apartamentos, 10 automóveis e prêmios quinzenais de 10 mil cruzeiros). Os votos deveriam ser feitos através do cupom que era destacado do *Jornal dos Sports* que deveriam vir acompanhado de uma

selecionado na partida final estavam sempre entre os principais atletas escolhidos pelos torcedores brasileiros. Nas quatro apurações realizadas, os jogadores acusados de serem os responsáveis pela derrota brasileira ficaram entre os melhores classificados³⁷, o que remete à qualidade técnica desses atletas e, principalmente, à confiança que os torcedores depositavam neles. No entanto, visualizar o futebol somente pelo seu aspecto funcional é retirar do esporte toda a sua aura mística, toda a sua magia. Como dizia Nelson Rodrigues, seriam 22 marmanjos correndo atrás de uma bola.

O ex-técnico do selecionado de 1950, também se posicionou sobre os possíveis culpados por aquele revés:

Quanto as recomendações que fiz aos jogadores, quero dizer que, se eu não quisesse jogador vigoroso, não teria usado Bigode. Quando chamei Bigode, pensei em aproveitar suas características; Jamais mudar nada. Não responsabilizo Bigode por coisa alguma, Barbosa era um jogador maravilhoso. E Obdúlio Varela não ganhou o jogo no grito. Ganharia se o jogo fosse disputado na frente do microfone, no rádio. Naquele dia, os gritos de Obdúlio coincidiram com os gols que entraram. Em outros jogos, Obdúlio gritou, gritou – e perdeu.³⁸

Essas palavras também confirmam o fato de que os jogadores, posteriormente acusados, não tiveram culpa pelo resultado negativo. O treinador, inclusive, valoriza esses atletas, mostrando que não era necessário modificar nada para que o Brasil vencesse. Na sua concepção, a derrota foi obra do acaso, isto é, naquela tarde as bolas da equipe uruguaia entraram e foi isso o que definiu o jogo. De acordo com esse personagem, gritos e outros acontecimentos não passaram de especulação.

c) EXCESSO DE CONFIANÇA

O brasileiro vivia a ansiedade de tornar concreta a sua necessidade de autoafirmação, de explosão por algo positivo, que estava a poucas horas de ocorrer. E essa vitória em torno do futebol era praticamente unânime, a tal ponto que o jornal carioca *A Noite* estampara em primeira página a foto do time, com a manchete “Estes são os Campeões do Mundo”. Como esse jornal era produzido à tarde e, a certeza da obtenção do título era tão grande, a manchete foi rodada na véspera, para o jornal circular assim que o resultado do jogo fosse confirmado.

chapinha do refrigerante Guará. Primeira apuração seria no dia 30 de abril de 1950. *Jornal dos Sports*, 17 de março de 1950.

³⁷ Bigode: 1º, 3º, 6º e 3º lugares (46.892 votos); - Barbosa: 14º, 15º, 5º e 7º lugares (12.370 votos); - Juvenal: 3º, 11º, 12º e 12º lugares (6.210 votos).

³⁸ COSTA, Flávio. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 22 de agosto de 1999. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 150.

Para o capitão da seleção brasileira, este era realmente o clima que tinha sido criado para aquele jogo. Sentimento estimulado pelos torcedores, pela imprensa e incorporado pelos jogadores:

A verdade sobre a final é esta: quando entramos em campo, todos no Brasil – não somente os outros jogadores, mas eu também – estávamos certos de que o jogo seria fácil. O próprio Uruguai sentia que o jogo iria ser difícil para eles. Tenho certeza de que o Uruguai entrou em campo para perder de pouco! O que é que aconteceu? Quando há muita facilidade, a gente facilita. O Brasil ainda fez o primeiro gol – aquela euforia toda. Se o negócio é fácil, então se facilita um pouco a marcação. O Uruguai não se entregou de jeito nenhum. Pelo contrário: lutou e lutou como sempre fez.³⁹

Mario Filho escreve uma crônica mostrando que, ao contrário do que muitos dos seus colegas de imprensa disseram, diante das circunstâncias daquele jogo era muito difícil evitar que os brasileiros (torcedores, cronistas, jogadores) estivessem tão empolgados com as vantagens que o Brasil possuía. Começando pelos resultados da fase final da competição, quando o Brasil goleara todos os adversários, este jogava em casa e contava com o apoio de sua vibrante torcida que, segundo os próprios cronistas, havia feito um brilhante espetáculo ao cantar “Touradas de Madri” e, por fim, a equipe brasileira jogava pelo empate para se tornar campeã. Diante dessas situações, Mario Filho justifica que o problema não estava na conduta dos jogadores brasileiros, mas nas contingências da partida que beneficiavam demais a equipe nacional:

[...] a 16 de julho não tinha como os brasileiros entrarem com mais raça a situação era muito favorável. Os jogadores encontravam-se em situação oposta a dos uruguaios. Os uruguaios vinham de dois empates e empates conseguidos no umbral da derrota. Os brasileiros pelo contrário, tinham goleado os suíços e os espanhóis. Ainda estava aquela euforia da exibição maravilhosa contra a Espanha. Parecia que todo mundo estava convencido disso, que o match com o Uruguai ia ser uma mera formalidade. Os uruguaios é que sabiam antes que tinham que morrer em campo.⁴⁰

Na mesma linha de argumentação apresentada por seu irmão, caminham algumas das crônicas futuras de Nelson Rodrigues, para quem esse acontecimento se tornou referência para todas as virtudes e problemas a serem abordados no Brasil. Para esse literato, a derrota foi decorrente do excesso de confiança e da consequente falta de humildade dos brasileiros. Mesmo de forma sutil, Nelson Rodrigues contraria o seu irmão, pois, para o primeiro, era

³⁹ AUGUSTO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 23 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 57.

⁴⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. O decantado apoio ao scratch brasileiro. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1954, p.5.

fundamental não esquecer que cada jogo tem sua lógica própria e, por isso, devia ser tratado como algo singular:

O Brasil tinha tudo para ser campeão do mundo e foi derrotado. Ou tinha tudo aparentemente já que lhe faltou o que sobrou para o Uruguai no match da decisão. Não a garra, ou o coração, ou a gana, como se disse em 50. O que nos faltou foi humildade, foi respeito ao adversário, foi a admissão de uma hipótese que é uma das alternativas de qualquer match, a derrota.⁴¹

É interessante que os cronistas, normalmente, não valorizam as virtudes dos adversários. Se recorrermos às competições realizadas no início daquele ano, veremos que o selecionado brasileiro enfrentou a equipe uruguaia pela Copa Rio Branco e as próprias matérias publicadas no *Jornal dos Sports* fornecem subsídios para que se perceba o nível de dificuldade dos jogos. No primeiro jogo, realizado em São Januário, no dia 6 de maio de 1950, o selecionado brasileiro perdeu para o Uruguai por 4 a 3 e o *Jornal dos Sports*, publica em primeira página: “Não houve espírito de recuperação. Apagaram-se os nossos quando os uruguaio assumiram a chefia do placard”.⁴² Segundo o que fora publicado no jornal, nessa partida a equipe brasileira havia marcado o primeiro gol, com Zizinho, logo aos 2 minutos de jogo. Entretanto, quando os uruguaio conseguiram reverter o placar com os dois gols de Miguez, a equipe brasileira ficou atônita, sem saber como reagir (situação relatada da mesma forma no jogo final da Copa do Mundo).

No dia 14 de maio de 1950, foi realizada, em São Januário, a segunda partida e, mesmo o Brasil vencendo por 3 a 2 a equipe uruguaia, a matéria publicada no *Jornal dos Sports* indica que ainda faltava melhorar a condição física de alguns dos seus principais jogadores, para que pudesse ter alguma pretensão na Copa do Mundo, que se iniciaria em pouco tempo:

Mesmo vencendo o melhor scratch uruguaio dos últimos anos, os brasileiros não recuperaram a confiança do público. [...] Assusta-me a gordura de um Juvenal. Acho difícil voltar ao melhor peso em um mês. Assusta-me a inatividade de Augusto, que segundo Flávio Costa é o jogador que mais dificilmente entra em forma. Além disso, o jogo mostrou um Santos (Nilton Santos) pesado, lutando contra os músculos [...].⁴³

Mesmo diante das críticas de Nelson Rodrigues aos seus companheiros de redação, que, segundo ele, não queriam ver a superioridade brasileira. O *Jornal dos Sports* mantém o

⁴¹ RODRIGUES, Nelson. O perigo da vitória e o perigo da derrota. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1958. p.5.

⁴² JORNAL DOS SPORTS. **Não houve espírito de recuperação**. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1950. p.1.

⁴³ JORNAL DOS SPORTS. **Brasil vence mas não convence**. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1950. p.5. grifo nosso.

mesmo posicionamento após o terceiro jogo, alertando que, apesar de haver vencido o jogo por 1 a 0 e ter conseguido o título da Copa Rio Branco, os jogadores uruguaiois se comportaram de maneira exemplar e quase surpreenderam os brasileiros: “Os uruguaiois revelaram mais do que coração, revelaram também classe e principalmente espírito de equipe, consciência de *scratch*. Cada jogador entrou em campo para cumprir uma missão e cumpriu inexoravelmente”.⁴⁴

Essas matérias apontam para duas situações interessantes. A primeira é a tensão entre a imagem idealizada ao selecionado nacional e às dificuldades apresentadas durante o desenvolvimento das partidas; a segunda, refere-se a algo que se repetiria em pouco tempo, porém com um resultado diferente. Diante desses fatos, a vitória uruguaia na final da Copa do Mundo não deve ser vista como um resultado inexplicável, algo que entrou para o imaginário coletivo devido à forma com que os cronistas representaram os acontecimentos da Copa de 1950, sem fazer nenhuma referência ao que aconteceu meses antes, tampouco valorizar as virtudes de um adversário que já havia sido bicampeão olímpico e campeão da primeira Copa do Mundo, os cronistas brasileiros preferem procurar desculpas para justificar o fracasso, mesmo sem saber, ao certo, o que poderia ter levado àquele resultado. Algo que foi expresso por Nelson Rodrigues ao indagar:

Por que perdemos? Ainda hoje, fazemos a pergunta, sem achar a resposta. Dir-se-ia que o Brasil alcançara o seu limite, o seu teto de brilho, de talento, de imaginação, de potência criadora no jogo com a Espanha. Pode-se lembrar que entramos sem esse mínimo de medo que qualquer luta exige. Tivemos medo da Espanha e massacrados. Do Uruguai, não. Nenhum medo.⁴⁵

Mario Filho caminha no mesmo sentido do que fora apresentado por seu irmão e mostra que o problema do selecionado, naquela oportunidade, foram as pessoas que estavam fora de campo, as quais não aceitavam um resultado que não se assemelhasse às goleadas aplicadas contra a Suécia (7 X 1) e contra a Espanha (6 X 1). De acordo com os irmãos Rodrigues, naquela oportunidade, o torcedor brasileiro não queria somente a vitória. Ele queria ver o *show*, queria mostrar ao mundo a sua superioridade, mas como isso não aconteceu, os jogadores permaneceram sem saber o que fazer diante das dificuldades surgidas:

⁴⁴ JORNAL DOS SPORTS. **Os uruguaiois revelam mais do que coração na partida final**. Rio de Janeiro, 19 de maio de 1950. p.5.

⁴⁵ RODRIGUES, Nelson Falcão. O quadrúpede de 28 patas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 17 maio de 1958. P.67.

Não é de hoje que a gente tem atrapalhado o scratch. O Brasil já teria sido campeão do mundo se não fosse a gente. Quando digo a gente, quero dizer os que não jogam, os que ficam de fora, os que comentam, os que criticam, os que orientam, os que dirigem, e que não agüentam a menor dúvida e que quando não duvidam, são ainda piores. Em 50, o scratch foi vítima da certeza, não dele, dos outros. Em 50, perdemos o Campeonato do Mundo porque não aceitamos o um a zero. Bastaria empatarmos para sermos campeões do mundo. Mas o empate de zero a zero, que se prolongava, que durava mais de um tempo, nos irritava e nos humilhava. Quer dizer: depois quisemos, depois pedimos, pelo amor de Deus, um empate. Mas era tarde. Aí o Uruguai, que não pedia nada mais do que a vitória, agarrou-se a ela de unhas e dentes. E não houve jeito, nem do empatezinho. A grande oportunidade fora embora. O 16 de Julho foi uma lição de humildade. Com aquela vaidade toda, e não do scratch, da gente, o Brasil não estava em condições de ser campeão do mundo.⁴⁶

Além do excesso de confiança, Mario Filho destaca que o problema era o fato de o brasileiro ainda não estar pronto para ser campeão do mundo. Diante desse resultado decepcionante, os cronistas precisavam buscar algo que continuasse a estimular os torcedores a acreditarem no selecionado e, também, no país. Dessa forma, a alternativa encontrada foi recorrer a acontecimentos presentes fora do campo de jogo. Mario Filho, Nelson Rodrigues e outros cronistas brasileiros mostram que a Copa do Mundo atingiu os seus objetivos.

Primeiramente, porque se buscou apresentar um Brasil moderno, o que foi atingido pela construção do Maracanã e pela brilhante organização realizada para a Copa do Mundo. Mas como só isso não era suficiente, os literatos passaram a destacar a reação da torcida diante da derrota, demonstrando que o brasileiro era um povo ordeiro e civilizado. Motivo de orgulho nacional:

E a multidão permaneceu e aplaudiu os vencedores e devo confessar que estive perto das lágrimas, porque acabava de presenciar um daqueles raros momentos na vida de um homem, quando um povo encontra a sua própria alma; quando uma nação se superou a si própria, em resumo quando o bem triunfou sobre o mal; quando o desporto provou uma revelação e uma educação. Porque o Brasil foi maior na derrota do que jamais poderia ter sido na vitória.⁴⁷

Mario Filho também elogia o comportamento da torcida, mostrando que, antes da grande final, tinha-se medo deste, porque, diante de circunstâncias negativas, os torcedores poderiam utilizar inclusive a violência com o intuito de auxiliar a obtenção de um resultado positivo ou apenas como forma de expressar o seu descontentamento. Entretanto:

⁴⁶ RODRIGUES, Mario Filho. A gente que atrapalha. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1958. p.6.

⁴⁷ MEISL, Willy. Uruguai, campeão de fato; mas o Brasil melhor team do mundo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950. p.5.

Ganhamos mais com a derrota do que com a vitória. A opinião mundial sobre o futebol brasileiro não se modificara, uma vez que conquistamos a admiração de todos por nossa postura irrepreensível. Antes da partida temia-se o comportamento da torcida brasileira, que acreditava-se tudo faria para garantir a vitória. A conquista uruguaia coroara o Brasil, que dera mostras de ser um país culto e disciplinado.⁴⁸

Na mesma linha de argumentação, João Lyra Filho afirma que o comportamento dos torcedores deveria servir de exemplo para outros segmentos da sociedade que se julgam superiores. Para o intelectual, o povo brasileiro mostrou o nível cultural do nosso país:

O supremo bem do desporto é a conquista da cultura social, e prova nenhuma é mais exata para medir o nível dessa cultura senão a que vem das manifestações de educação do nosso povo. Nós provamos ao mundo a existência de espírito desportivo no Brasil e é pena que esse espírito não se generalize além da vida do desporto, nas revelações quotidianas das demais atividades, inclusive na política partidária.⁴⁹

Os cronistas não podiam deixar que os torcedores perdessem as esperanças. O Brasil era um país do futuro, como buscavam mostrar os isebianos e, nessa perspectiva, ser um povo civilizado significava estar em compasso com as nações modernas. É claro que esse discurso buscava consolar e também justificar a derrota, ao passo que valorizava a autoestima do brasileiro. Contudo, tratava-se de um discurso que não convencia nem os próprios cronistas. Tal como demonstrou Nelson Rodrigues, em uma das suas crônicas escritas oito anos depois do ocorrido:

O que segundo todos nós, ia garantir o campeonato do mundo de 50, de uma certa forma nos tirou o título. Teríamos razão de nos orgulharmos: fomos ingleses na derrota. Mas este britanicismo não nos satisfaz. Tanto que em 52 fomos para Santiago no Chile para tirar a forra, que tiramos. Não nos bastava derrotar a Celeste, era preciso mostrar que os uruguaiois não eram mais homens que os brasileiros. Podíamos ter vencido normalmente de mais. O placard de quatro a um já estava fixado e faltava um minuto para acabar o jogo quando Nilton Santos descobriu Gigghia na frente dele e não resistiu tacou-lhe o pé.[...] Mas se Obdúlio Varela soube dar no momento exato e não para dar, e sim para modificar o match e o destino de um campeonato do mundo, quando demos, dois anos depois escolhemos inclusive mal a ocasião. Pensando bem, sempre foi assim. Levamos dois anos para aplicar o que fora para nós a suprema lição de 38: não revidar, oferecer a outra face, como se só precisássemos disso para sermos campeões do mundo. Daí a surpresa de 50, daí a surpresa de 54. Como preparamos o caminho para o êxito do bofetão de Obdúlio Varela em Bigode, o importante era não revidar, sob hipótese alguma, em 54 preparamos cuidadosamente a tremedeira de Berna. A intenção, naturalmente não era essa. O que se queria era evitar outro 16 de julho.⁵⁰

⁴⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. O Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1950. p.5.

⁴⁹ LYRA FILHO, João. Conversa com meu travesseiro. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1950. p.5.

⁵⁰ RODRIGUES, Mario Filho. A única experiência que não foi feita. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1958. p.5.

O autor mostra que faltava ao brasileiro o amadurecimento para conseguir fazer-se respeitar. Não significava somente tomar decisões. Estas deveriam ser tomadas na hora certa, o que era um dos problemas dos brasileiros, talvez para Nelson Rodrigues fosse o principal, pois, na sua concepção, o brasileiro era um povo extremista que relutava em aprender com as experiências já vivenciadas. Esse autor elucida que considerava a humildade do povo brasileiro um defeito moral que deveria ser corrigido, pois ela representava o medo que o brasileiro tinha de mostrar as suas capacidades, as quais eram idealizadas pelo autor, mas que, sob o seu olhar e em seu discurso romântico, também eram a expressão da identidade brasileira.

Nelson Rodrigues, mesmo sem muita sistematização ou pretensão de normatizar os seus pensamentos, seguia o projeto de Mario Filho que idealizava uma nação brasileira grande e vitoriosa, que mostraria ao mundo suas potencialidades através do futebol, pois a esperança dos cronistas era a de que, se isso acontecesse, outros setores da vida social poderiam seguir o mesmo rumo. Talvez a frustração desse projeto em 1950 tenha levado à tentativa de encontrar causas e, ao fazer isso, consolidou-se uma “Cultura da desculpa”.

Considerações Finais

A leitura das crônicas esportivas publicadas no *Jornal dos Sports* revelou a visão de uma determinada camada da sociedade brasileira e principalmente o incontido desejo de vitória como sendo expressão de um país que buscava entrar no compasso das nações desenvolvidas. Segundo os literatos do periódico carioca, a vitória naquele evento esportivo seria um exemplo concreto da potencialidade do povo brasileiro. Um país no qual o futebol era apresentado como símbolo da identidade nacional, pois tinha um selecionado composto por jogadores oriundos de diferentes raças (miscigenado); apresentava um futebol esteticamente agradável e já tinha demonstrado a sua capacidade organizativa durante a preparação deste evento.

O cenário era perfeito para que o desejo dos cronistas se tornasse realidade, mas como isto não foi possível, eles criaram uma verdadeira Cultura da Desculpa, como forma de justificar o revés. Por meio dela os literatos não valorizam as virtudes dos adversários, preferindo tentar encontrar os defeitos dos brasileiros um povo que até aquele momento era recalcado. Um recalque que já havia sido apresentado por Mario de Andrade ao descrever Macunaíma, um personagem que expressava a vergonha nacional, decorrente da imagem e das atitudes do seu povo.

Os cronistas criaram mitos que até hoje fazem parte do imaginário coletivo. Ao aceitar estas representações o brasileiro continuou acreditando que o sucesso do nosso futebol e/ou da nossa sociedade estava somente a um passo de acontecer. Entretanto, criou-se uma nova situação paradoxal, pois para atingir a maturidade necessária, era fundamental que o brasileiro aprendesse a observar e valorizar as virtudes dos outros povos, ao invés de criar fraquezas que muitas vezes ele nem possuía. Estas atitudes extremistas, auxiliavam os cronistas para manter os sentimentos dos torcedores, mas prejudicavam o desenvolvimento do futebol/sociedade, pois diante de um revés qualquer atitude era romanceada, sendo exageradamente abordada, o que fazia com que ela entrasse para o imaginário coletivo como sinônimo de verdade.

Não foi um dos fatores isolado que levou ao resultado negativo do selecionado brasileiro naquela Copa do Mundo. Cada um dos fatores salientados apresenta o seu respectivo grau de significância no resultado da partida. Entretanto, o que faz com que o futebol seja um esporte apaixonante é a sua relativa autonomia, a imprevisibilidade, a indeterminação. Neste esporte nem sempre a equipe considerada mais forte vence, nem sempre aquela equipe que tem todas as vantagens consegue confirmar isto no momento decisivo e é esta autonomia que quando colocada em análise com os sentimentos dos torcedores ou de seus representantes, revelam a riqueza de um campo social que ao mesmo tempo que tenta definir a realidade, apresenta as fraquezas e dificuldades da sociedade, expressando os sonhos, as frustrações e os sentimentos presentes no desejo do torcedor, legítimo e fiel representante do país.